

# Apresentação

É com grande satisfação que apresentamos a edição da Revista de Educação Pública em comemoração ao SemiEdu 2015! Como tivemos uma significativa quantidade de palestras, mesas-redondas e apresentações de grande qualidade técnico-científica no evento, optamos por dividir as publicações dele resultantes em duas edições da Revista de Educação Pública. Eis aqui, então, o primeiro fascículo, que congrega textos ora de cunho mais ensaístico, ora relatos de experiência, ora produtos mais tradicionais de pesquisas científicas na área de Educação e Tecnologias. Tal variedade de gêneros da esfera acadêmica aqui presentes é significativa se pensarmos que o SemiEdu é, desde sua primeira edição, um espaço que se quer plural, apresentando variados enfoques, métodos e objetos de pesquisa no que nos congrega como pesquisadores: a Educação.

O tema central do SemiEdu 2015, Educação e seus sentidos no mundo digital, foi motivado pelos atuais debates acerca da entrada e uso intensificado das tecnologias digitais da informação e comunicação em nossos cotidianos, seja na esfera pessoal ou profissional, bem como nas instituições que lidam com os processos do ensinar e aprender. Os resultados apontados pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), especialmente os relacionados ao ensino fundamental, sinalizam a dificuldade de uso de diferentes linguagens nas e pelas escolas, ensejando contradições entre o vivido fora de seus muros e o realizado dentro deles. Por compreender que a cultura digital se desdobra em práticas culturais que afetam a constituição de nossas subjetividades, o SemiEdu 2015 inseriu-se nesta discussão ao tornar-se um espaço que visava contribuir com pesquisas sobre alternativas possíveis para o desenvolvimento do potencial humano e criativo nas diferentes etapas do processo educativo, reconhecendo a inserção das novas tecnologias nesse processo.

Sendo assim, os textos que aqui se reúnem, pontos altos nas discussões e reflexões travadas no evento, discutem, sob a óptica de especialistas, o escopo de Educação no contexto em que o real e o virtual se imbricam, bem como os sentidos que ora permeiam o ato de educar e seus agentes. Evidenciar como as novas práticas culturais e educativas se impõem no cotidiano é fundamental para um olhar mais cuidadoso sobre o que se tem produzido no âmbito escolar, considerando a denominada cultura digital e os reflexos e influências sobre o ato educativo das práticas daí advindas.

Para tanto, o presente fascículo se inicia com o artigo *Cultura da convergência e universidade: contributos da Educação a Distância*, em que Lúcia Amante discute os desafios que a universidade enfrenta para ressignificar suas práticas pedagógicas e sua cultura educacional frente ao desenvolvimento dos novos media. Uma reflexão que pode metonimizar seu denso artigo é a de como os professores universitários podem repensar a cultura das lectures para integrar procedimentos pedagógicos abertos à cultura colaborativa e participativa ensejada pelos novos recursos tecnológicos, de que a EaD já se apropriou, mas muitos cursos presenciais ainda não.

Na sequência, apresentamos o artigo *Interação e mediação no contexto das arquiteturas pedagógicas para a aprendizagem em rede*, de Rosane Aragón, que em alguma medida dialoga com as inquietações do texto anterior, discutindo o resultado de estudos sobre o uso produtivo de determinadas tecnologias no ensino superior. Seu artigo se concentra nas arquiteturas pedagógicas, aqui entendidas como estruturas para a aprendizagem em rede que estimulem o deslocamento dos papéis tradicionalmente atribuídos a docentes, tutores e discentes, com vistas a fomentar protagonismos e decisões por parte dos alunos. A ideia é que, em vez de fracas relações de interação

entre sujeitos, existentes apenas para cumprir tarefas definidas unilateralmente pelo professor, as arquiteturas pedagógicas flexíveis proporcionem a emergência de verdadeiras e mais duradouras redes colaborativas.

Logo depois, temos o artigo *Métodos de Avaliação em Ambientes Virtuais Tridimensionais: aspectos cognitivos e habilidades sensório-motoras*, de Alexandre Martins dos Anjos, Rosana Abutakka e Eunice Pereira dos Santos, em que os autores apresentam uma revisão sistemática sobre os usos educacionais de Ambientes Virtuais de Aprendizagem 3D, bem como métodos para avaliação de aquisição conhecimento e de habilidades sensório-motoras em AVs 3D. Os resultados sugerem que é possível medir o nível de aquisição de conhecimento e de HSM a partir de tais métodos, o que pode definir métricas mais claras para o estudo dos impactos dessas tecnologias no campo educacional.

No artigo *Pesquisa-formação multirreferencial e com os cotidianos na cibercultura: tecendo a metodologia com um rigor outro*, de Mayra Rodrigues Fernandes Ribeiro e Edméa Santos, as autoras relatam os resultados de uma pesquisa envolvendo a criação de atos de currículo em espaços multirreferenciais de aprendizagem na interação com as tecnologias digitais, objetivando potencializar as aprendizagens dos envolvidos. Os dados apresentados na pesquisa são construídos no contato implicado dos pesquisadores com a situação de estudo por meio de diálogos produzidos nas relações vividas e sentidas em espaços de aprendizagens, de modo que professores e alunos produzem currículo em uma relação com o saber onde há uma política de sentido.

No âmbito da EaD, em *O Núcleo de Educação Aberta e a Distância da UFMT: uma mirada para um passado presente (1992-2005)*, Oreste Preti e Katia Morosov Alonso fazem um resgate da história do Núcleo de Educação Aberta e a Distância da UFMT, apontando alguns dos elementos que fazem dessa pioneira experiência em ensino superior a distância no Brasil um caso de singular sucesso. A reboque desse resgate, tecem-se ainda reflexões sobre os desafios que hoje o NEAD enfrenta no contexto da EaD brasileira em 2016.

Já em *A Cultura Digital, o Professor-Criança e o Aluno Adulto*, Antonio Zuin discute o novo paradigma educacional que emerge em uma sociedade em que a produção e difusão das informações está ao alcance imediato de todos, a ponto de as esferas públicas e privadas praticamente não mais discernirem entre si. Nesse contexto, a tradicional identificação do professor como figura de autoridade é colocada em xeque, na medida em que os alunos, amparados por uma série de instrumentos tecnológicos, não se identificam mais como sujeitos que pacientemente são conduzidos por um mestre a um objetivo humanista, mas sim como sujeitos independentes e adultificados em seu acesso imediato à informação. Em contrapartida, frequentemente o docente passa a ser visto por eles como um sujeito infantilizado, pedindo atenção em sala de aula àqueles que não supostamente precisariam de sua intervenção, tal qual a criança que quer interromper a conversa dos adultos para ser notada.

A formação de professores também é tematizada em *O currículo na cultura digital: impressões de autores de materiais didáticos para formação de professores*, de Roseli Zen Cerny, Carla Cristina Dutra Burigo e Nayara Müller Tossati. As autoras buscam compreender os sentidos atribuídos ao currículo na cultura digital por parte dos sujeitos que participaram como autores na produção dos materiais didáticos para um curso de formação continuada de professores na modalidade a distância. Entre os dados colhidos por meio de entrevistas semiestruturadas, destaca-se que a maioria dos sujeitos entrevistados deu voz ao currículo na cultura digital, compreendendo que o currículo está na cultura digital, assim como a cultura digital está no currículo, por meio de uma relação de interação, com

possibilidades concretas de pensar a prática pedagógica.

Também dialogando com a discussão sobre o ensino superior diante das novas tecnologias, o artigo “Narrativas eclipsadas e ressignificadas de docentes e discentes sobre/na cibercultura”, de Maria Cristina Lima Paniago, analisa algumas narrativas eclipsadas e ressignificadas de docentes e discentes sobre cibercultura, em atividades de uma disciplina em curso de Pós-Graduação. Como resultados, a autora destaca que “[...] alunos e professores, no contexto em foco, buscaram, por meio de narrativas, com suas inventividades e transformações, partilhar suas experiências, práticas e concepções e problematizar uma formação continuada digital que objetivava promover um espaço de discussão sobre currículo e tecnologias”.

Como discutir EaD sem falar de mediação e interação é quase impossível, optamos por apresentar, encerrando o fascículo, o artigo *Tecnologias e relações pedagógicas: a questão da mediação*, de Joana Peixoto, em que a autora discute a perspectiva alienante sob a qual comumente a academia e a sociedade entendem a mediação, atribuindo-a a uma suposta propriedade dos objetos, e não à práxis humana em relação a esses objetos. Tal análise, de viés materialista-dialética, tem como fim a reafirmação da mediação como processo antrópico, como relação em que o sujeito se implica, e não como mero objeto que se interpõe entre dois elementos distintos.

Este fascículo está bastante rico e diversificado, apresentando múltiplos olhares sobre o encontro entre a educação, a tecnologia, e o que rodeia essa esfera, tão, rica de possibilidades e desafios, e tão próxima a todos nós, mediando boa parte de nossas relações com o mundo, com o outro e conosco mesmos.

Boa leitura!

Vinícius Carvalho PEREIRA<sup>1</sup>  
Taciana Mirna SAMBRANO<sup>2</sup>  
Cristiano MACIEL<sup>3</sup>  
Katia Morosov ALONSO<sup>4</sup>

- 
- 1 Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, da UFMT. Líder do grupo de pesquisa SEMIC – Semióticas Contemporâneas. Endereço Profissional: Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 - Bairro Boa Esperança. Cuiabá - MT - 78060-900. E-mail: <viniciuscarpe@gmail.com>.
  - 2 Doutora em Educação Escolar pela UNESP. Professora do Departamento de Organização Escolar da UFMT. Coordenadora de Educação Mediada por Tecnologia da Informação e Comunicação. Endereço Profissional: Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 - Bairro Boa Esperança. Cuiabá - MT - 78060-900. E-mail: <tacianamirna@hotmail.com>.
  - 3 Doutor em Ciência da Computação pela UFF. Professor do Instituto de Computação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFMT. Diretor da Fundação Uniselva. Membro do LAVI – Laboratório de Ambientes Virtuais Interativos – e do LêTeCe – Laboratório de Estudos Sobre Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação. Endereço Profissional: Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 - Bairro Boa Esperança. Cuiabá - MT - 78060-900. E-mail: <crismac@gmail.com>.
  - 4 Doutora em Educação pela Unicamp. Professora do Departamento de Organização Escolar e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFMT. Líder do LêTeCe – Laboratório de Estudos Sobre Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação. Endereço Profissional: Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 - Bairro Boa Esperança. Cuiabá - MT - 78060-900. E-mail: <katia.ufmt@gmail.com>.